

PATAGÔNIA E MALVINAS: UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO SÉCULO XIX VISTA DESDE O SUL

 Jaime Rodrigues^{1;2}

Resenha do livro: HALLER, Sofia Clara. *Balleneros, loberos y guaneros en Patagonia y Malvinas: una historia ambiental del mar: 1800-1914*. Buenos Aires: Sb, 2023.

Ao pensarmos sobre as relações entre humanidade e natureza, observamos alguns paradoxos. O mais intrigante parece ser justamente a separação entre uma e outra, ou seja, entre a humanidade e a natureza, como se houvesse aí uma oposição e não partes constituintes do mesmo todo. Também é intrigante pensar que a humanidade não é parte do mundo natural, enquanto a natureza é muitas vezes entendida como aquele ambiente no qual não houve transformações antrópicas. Creio que no planeta não exista tal espaço intocado, onde a mão humana não fez sentir sua ação. A Patagônia e a Amazônia, apenas para ficar em exemplos sul-americanos, aparecem ainda hoje no imaginário mundial como lugares da natureza por excelência, como se não tivessem sido secularmente alterados, visitados, habitados, explorados, mapeados e transformados pela ação de homens e mulheres. É possível que a suposta divisão entre espaço histórico (onde se sente o peso da ação humana) e espaço natural (aquele da natureza intocada) simplesmente não exista, ao menos desde milhares de anos atrás. Sofia Haller não é tão incisiva sobre isso: ela sugere uma hipótese mais sofisticada ao afirmar sobre a Pata-

1 Universidade Federal de São Paulo - Guarulhos - SP - Brasil.

2 Professor Titular de Historia do Brasil, EFLCH/UNIFESP E-mail: jaimerodrigues@unifesp.br.

gônia e as Malvinas: “Com toda probabilidade, estes lugares apresentam na atualidade uma paisagem diferente da que viram os navegantes do passado”³.

O livro de Haller é muito oportuno. A questão que deu início à sua pesquisa, centrada na discussão ambiental, é bastante atual. A autora construiu um objeto original em diálogo com historiadores consagrados, a fim de investigar o papel das navegações marítimas na dispersão das espécies pelo mundo afora. Portanto, o que poderia ser um estudo de história local tornou-se atlântico, marítimo e global sem que o recorte mais específico tenha se diluído na abordagem mais ampla, criando a oportunidade de testar a abordagem mais ampla no recorte mais específico. Conforme a pesquisadora sugere, o livro:

constitui um convite para explorar as conexões marítimas e os movimentos sócio-históricos globais que integraram a região [patagônica] em uma rede interoceânica. E fundamentalmente, a pensar o impacto ambiental, social, político e econômico destes movimentos.⁴

As perguntas que originaram o livro acentuam as dimensões globais: “como eram as relações marítimas da costa patagônica com o restante do mundo? Qual foi seu impacto ecológico? Como afetaram a configuração territorial em termos políticos?”⁵. Para todas essas questões, foi preciso buscar respostas em uma perspectiva transnacional, “considerando distintos atores cuja visibilidade tem sido obscurecida na história tradicional”⁶ da Patagônia do século XIX.

Sofia Haller acerta em apontar uma maior centralidade dos mares como cenários da literatura de ficção, enquanto a historiografia (ao menos no Hemisfério Sul) tem deixado de lado a dimensão humana e ecológica dos mares como espaço de atuação humana. Todavia, ao ler obras como *Moby Dick* e outros textos literários, para além de inspiração

3 Haller, 2023, p. 16.

4 Haller, 2023, p. 17.

5 Ibidem, p. 16.

6 Ibidem, p. 16.

narrativa, encontramos problemas na utilização textos deste tipo como fontes históricas. Aos historiadores não é novidade o uso da fonte literária a partir das quais se pode construir um método de análise. Contudo, muitas vezes a experiência dos sujeitos históricos mais obscurecidos, qual seja, os trabalhadores do mar, não emanam dessas fontes. A maior parte das respostas para suas questões Haller vai buscar nos textos de viajantes e na historiografia do século XIX.

No capítulo 1, a autora expõe seu método, os conceitos de que se valeu e os problemas que enfrentou desde o início da pesquisa. É de se notar a disposição dela em enfrentar as dificuldades encontradas no trabalho com temas que não se encaixam em uma única disciplina. Por outro lado, é preciso relativizar a amplitude da resistência acadêmica. Há campos de estudo e atuação que só podem existir em perspectiva multidisciplinar, por exemplo o patrimônio histórico e a saúde pública. Claro, muitas vezes é difícil conciliar os conceitos e as práticas profissionais, mas muitos caminhos já foram percorridos em campos como esses. Curiosamente, as Ciências Humanas parecem ser as mais refratárias à abordagem interdisciplinar, sendo mais comum encontrar quem defenda esse diálogo do que quem efetivamente o pratique. Mas o trabalho e a trajetória de Haller deixam claro que existe um caminho metodológico para esse diálogo. Obviamente, dependendo dos interlocutores, as perguntas e o debate podem encontrar melhores ou piores soluções. Quando lemos um livro como *Balleneros, loberos y guaneros en Patagonia y Malvinas*, tendemos a ficar mais animados para a prática multi e/ou interdisciplinar.

A superação das histórias estritamente nacionais, os conceitos vindos da Geografia e textos de Félix Guattari e Gilles Deleuze são parte do substrato teórico da obra, bem como as questões suscitadas pela História Ambiental e que são tratadas a partir do manejo da literatura de viagens e da historiografia oitocentista. Nessa perspectiva, o “oceano vivo” aparece como “um jogador dinâmico”⁷ das histórias humanas e isso pode trazer contribuições significativas para nosso entendimento das pessoas como atores ecológicos. Aparentemente, isso dá ao oceano a condição

7 Haller, 2023, p. 21.

de personagem, mais do que cenário ou contexto. De todo modo, trata-se substancialmente da ação humana sobre os oceanos e as suas interferências (correntes, temperaturas, vida marinha, alimentos) sobre as ações dos grupos e dos indivíduos. Se pareço resistente à noção de “oceano vivo” como agente histórico, isso se dá pela necessidade de entender melhor o que isso significa e, assim, superar minhas próprias limitações a fim de poder encarar uma História Ambiental como História Social. Aliás, este também é um dos diálogos que vamos encontrar no livro de Haller, ainda que não seja propriamente um diálogo interdisciplinar. De todo modo, o entendimento do “oceano vivo” deixa entrever como, no interior do mesmo campo de estudos – a História – pode haver dificuldades, tensões e divisões, todas elas em alguma medida enfrentadas pela autora.

Haller afirma ser a História Ambiental ainda fortemente terrestre, o que nos remete a outras iniciativas de ampliação do escopo desse campo de estudos, como a recente publicação de Eva Panagiotakopulu, da Universidade de Edimburgo, e de Ana Catarina Garcia, da Universidade Nova de Lisboa. O artigo das autoras também se situa em perspectiva multidisciplinar e apresenta uma abordagem marcadamente arqueológica⁸. Trata-se de uma análise da fauna de insetos e micro-organismos encontrados nos vestígios de um naufrágio espanhol e outro holandês nos Açores em meados do século XVII, que permite saber algo sobre a ecologia a bordo dos navios daquele período e acerca do papel desses navios e das rotas marítimas nas invasões biológicas. Creio que pesquisas como essas vão ao encontro do que Sofia Haller afirma: “considerar o oceano ‘vivo’ como um jogador dinâmico nas histórias humanas pode gerar contribuições significativas sobre nosso entendimento das pessoas como atores ecológicos”⁹.

Espaço entre Estados continentais, espaço vazio ou espaço acessível a todos tem sido as maneiras mais comuns de se abordar os oceanos. A isso se somam as visões dos oceanos como espaços de movimento, de deslocamentos e fontes de poder imperial e global para as potências. Se

8 Panagiotakopulu; Garcia, 2023.

9 Haller, 2023, p. 21.

a apropriação da terra criou as bases do poder territorial dos Estados, o domínio dos mares se deu sob a forma de controle das rotas comerciais e, no caso americano, coloniais. Para se aproximar da problemática, Haller retoma o estudo do antropólogo chileno Daniel Quiroz e o conceito de marítório como “uma noção análoga à de ‘território’, porém em uma mescla complexa composta pelo mar e construída espacial e temporalmente por meio de apropriações socioculturais”¹⁰. Neste trecho, se as fontes permitissem uma aproximação maior com a perspectiva dos subalternos, poderia se estabelecer um diálogo profícuo com a noção de hidrarquia desenvolvida por Peter Linebaugh e Marcus Rediker¹¹. Para eles, a hidrarquia seria, em poucas palavras, dois fenômenos relacionados e datados de fins do século XVII: a organização do Estado marítimo feita a partir do topo, e do Atlântico como espaço histórico da acumulação do capital; assim como a organização dos marinheiros, levada a cabo por sua própria conta, que teria tornado o Atlântico em uma zona de liberdade, o que me parece excessivamente otimista, mas que de todo modo aponta para um lugar de construção de projetos de liberdade e autonomia, ainda que não tão abrangentes. A cultura marítima e a compreensão do navio como lugar onde se disputava o processo histórico do capitalismo de forma decisiva não são os objetos privilegiados de Sofia Haller, mas observo contribuições dadas pelo livro para a construção de um diálogo entre as noções de *marítório* e *hidrarquia*, caso algum historiador deseje se aventurar pelo assunto.

A Patagônia, um dos objetos do historiador brasileiro Gabriel Passetti, sobretudo pelas lentes de Fitz Roy¹², e a Amazônia, escopo do arqueólogo e historiador Eduardo Góes Neves¹³ poderiam ser comparadas pelo prisma dos resultados alcançados por Heller em sua análise. Uma História Social Ambiental comparada, ou ao menos o imaginário social sobre esses dois espaços, poderia ser construída. Para Neves, não existe uma floresta intocada, mas sim um território que é fruto do manejo indígena,

10 Haller, 2023, p. 28.

11 Linebaugh; Rediker, 2008.

12 Passetti, 2010.

13 Neves, 2022.

portanto, da ação antrópica no decorrer de milhares de anos. Na obra de Haller, vamos encontrar argumentos e análises que reforçam essa perspectiva, principalmente no que diz respeito à necessidade de lidar no campo multidisciplinar.

Com todas as conexões interdisciplinares, marítimas e globais que observamos em *Balleneros, loberos y guaneros en Patagonia y Malvinas*, a obra não perde de vista a história nacional argentina e a historiografia regional produzida no século XIX. As contribuições historiográficas e as referências às políticas de ocupação e exploração da Patagônia, das Malvinas e da passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico estão contempladas na análise. E não são poucas as fontes e a bibliografia com as quais a autora lidou, deixando muito evidente seu empenho e erudição.

O capítulo 2 “Loberos y balleneros en las pesquerías australes” traz à tona as tradições espanholas de caça às baleias, lobos e outras espécies da fauna marinha e suas conexões com o capitalismo em formação. Por mais periféricas e isoladas que a Patagônia e as Malvinas fossem, mesmo no âmbito dos vice-reinados do Peru, ao qual a região estava submetida desde a criação desta entidade, em 1542, e do Rio da Prata (1776), isso não as retirava da condição de territórios em disputa. Menos pelo território (ou “maritório”) e mais por suas riquezas, representada pelos animais que abrigavam e pela demanda por produtos deles derivados, em especial o óleo de baleia. Estadunidenses em luta contra a antiga metrópole, bem como franceses e britânicos desejosos de estabelecer bases de operações para suas frotas pesqueiras no Atlântico Sul, tiveram de enfrentar a oposição de espanhóis e dos mercadores do Rio da Prata que, a partir do último quartel do século XVIII, se interessavam pelo negócio baleeiro. Para a Coroa espanhola, havia o paradoxo de depender do abastecimento de produtos pesqueiros feito por britânicos que, muito provavelmente, eram conseguidos no Atlântico Sul, a rigor sob domínio espanhol. Tal paradoxo teria uma tentativa de solução na criação da *Real Compañía Marítima de Pesca* em 1789, associando capitais privados às iniciativas da Coroa, mas logo desfeita por ataques ingleses às suas bases em Puerto Deseado, nos primeiros anos do século XIX. À independência dos antigos territórios do Vice-Reinado do Rio da Prata se sucedem guerras civis que propiciariam o domínio do negócio da caça de baleias e lobos marinhos por mercadores dos Estados Unidos, que passou a liderar

o mercado mundial dessa atividade ao longo do século XIX, com pequena concorrência britânica e francesa. As atividades não passaram despercebidas pelas autoridades de Buenos Aires que tentavam, sem sucesso, evitar as ações dos estrangeiros e a dizimação dos animais marinhos por meio de regulamentos legais sobre caça e pesca. A instabilidade política, porém, não permitiu um efetivo domínio sobre a exploração dos recursos do oceano pelas autoridades platinas, tendo o processo continuado nos anos subseqüentes sob um regime de liberdade, mesmo após a ocupação britânica das Malvinas (rebatizadas de Falklands) nos primeiros dias de 1833. A concorrência estadunidense parecia imbatível.

Figura emblemática da primeira metade do século XIX, Luis Piedra Buena nasceu em Carmen de Patagones, sendo ele um dos poucos homens da região sobre o qual há dados biográficos mais extensos e que permitem vislumbrar as conexões globais das atividades de exploração do Atlântico Sul. Piedra Buena conheceu Fitz Roy, escolarizou-se e obteve formação náutica, engajou-se como grumete e marinheiro em navios estadunidenses, trabalhou na caça e na pesca marinhas e completou sua formação em Nova York, vindo a se tornar capitão de seu próprio barco no Atlântico Sul. Foi pela ação de homens como ele que, a partir da década de 1860, a Confederação Argentina pode começar a conhecer e mapear melhor os mares patagônicos.

O capítulo 3 detém-se no guano patagônico, produto natural não tão valioso quanto seu homólogo peruano ou o chileno, mas ainda assim estimulante da política de controle da área, acessível apenas pelo mar. A indústria local do guano, cujo auge se deu na década de 1840, deixou alguns vestígios arqueológicos na região. Tema pouquíssimo explorado, a extração de excrementos de aves na Patagônia argentina lança luz sobre o conhecimento histórico e, também, biológico. Local propício à reprodução de aves marinhas, a Patagônia desde o Golfo de San Jorge até o sul do território foi explorada também por isso, pondo em risco essas espécies, assim como os pinguins, os quais também foram alvos de caça para produção de óleo. Decerto, a exploração do guano afetou a população de aves e sua distribuição em termos geo-históricos, bem como moldou parte da ocupação humana ao exigir a fixação dos trabalhadores (vindos da parte meridional da América do Sul, da França ou da Grã-Bretanha) por um tempo prolongado. Os extratores, dependentes de navios para

sua subsistência e deslocamentos, deveriam cavar, secar e peneirar o guano antes de embarcá-lo. A presença desses trabalhadores, das instalações de exploração e das moradias ajudou a alterar a paisagem na região.

As Malvinas estão no centro das atenções no capítulo 4 (“Malvinas en el mundo”). Questão candente no imaginário dos habitantes do país vizinho, as ilhas são um objeto abordado com delicadeza por Haller, que estabelece a periodização entre a época do domínio argentino sobre o território (até 1832) e o tempo da administração britânica, bem como das conexões das Malvinas com a Patagônia. É claro que a autora não desconhece o fato de que a soberania nesse território dominou (e domina) as preocupações quando o assunto são essas regiões austrais. Por isso, como ela mesma afirma, a tarefa de “reconstruir a história conectada entre duas costas que foram divididas pela guerra de 1982 e unir essa história com o resto do mundo requereu um esforço teórico e metodológico”. Tal esforço derivou das preocupações com a História Ambiental, permitindo “dar um tratamento diferente à história regional, questionando o foco da noção ‘estadocêntrica’ do território”¹⁴ e, além disso, tendo em conta as conexões marítimas e suas consequências ambientais e políticas devido à ação de diferentes agentes históricos.

Em que pese a resistência dos nativos tehuelches, a existência dos estabelecimentos guaneros em boa parte mantidos por estrangeiros também significava possibilidades importantes de trocas para os povos originários. E os problemas não se limitavam a isso: ao mesmo tempo em que os conflitos entre Buenos Aires e a Confederação Argentina mantinham-se na segunda metade do século XIX, a costa patagônica continuava a ser objeto de planos de colonização, com autorização de estabelecimentos de imigrantes europeus. A exploração do guano era o atrativo para a vinda desses trabalhadores, evidentemente em número muito menor do que aquele dirigido para as regiões mais ao norte, nas proximidades do Rio da Prata. O povoamento era relevante, entre outras coisas, pela disputa em curso com o Chile pela posse dos territórios patagônicos. Nas palavras de Haller, “o excremento de ave marina foi um dos recursos

14 Haller, 2023, p. 157.

costeiros mais atrativos da Patagônia e teve um papel na história política e econômica da região no século XIX¹⁵.

O último capítulo, intitulado “Malvinas en el mundo”, aborda a economia mundial, a relevância da navegação costeira e de longo curso e o funcionamento dos portos de escalas ou regionais no século XIX a partir do exemplo das ilhas. O intuito é justamente subsidiar a compreensão das disputas que antecederam e sucederam a ocupação britânica, das transformações nas rotas marítimas e o lugar das Malvinas entre três oceanos: Atlântico, Antártico e Pacífico.

Rota frequentada havia séculos, desde quando se buscava uma passagem entre o Atlântico e o Pacífico, os mares no entorno das Malvinas nunca deixaram de ser conhecidos e reconhecidos, mapeados e planejados, ainda que nem todos os planos tenham sido efetivados. Entre os planos, estava a implantação de um porto marítimo nas ilhas (Puerto Soledad), com o objetivo de estimular a pesca como atividade econômica e também vigiar o circuito dos navios interoceânicos e criar um posto de abastecimento para eles, com produtos vindos do continente. Após a ocupação britânica, a administração do arquipélago foi transferida para Port Stanley e as ilhas continuaram a ser alvo de planos de ocupação, de defesa naval e de reabastecimento de navios, bem como de tentativas de climatização de plantas do extremo sul da África, da catalogação das espécies da flora e da fauna, acerca das quais sempre pairaram muitas dúvidas sobre se eram nativas ou exóticas – sinal da antiguidade da frequência e circulação humanas naquela área.

A perspectiva de análise do livro de Haller é instrutiva. A noção de “oceano vivo” e sua operacionalidade são instigantes e merecem ser levadas em conta, bem como devemos considerar, a partir de leituras como esta, o quanto a História Marítima é um campo a merecer maior interesse por parte dos historiadores no Brasil, sobretudo, porque temos fontes

15 *Ibidem*, p. 127.

similares e uma ampla historiografia a ser discutida, tanto referente ao século XIX quanto aos períodos anteriores e posteriores.

Bibliografia

- HALLER, Sofia Clara. *Balleneros, loberos y guaneros en Patagonia y Malvinas: una historia ambiental del mar: 1800-1914*. Buenos Aires: Sb, 2023.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu, 2022.
- PANAGIOTAKOPULU, Eva; GARCIA, Ana Catarina. Two Azores shipwrecks and insect biological invasions during the Age of Discovery. *Biological Invasions*, Oklahoma, v. 25, p. 2309-2324, 2023.
- PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Recebido em: 15/05/2023 – Aprovado em: 25/10/2023